

CENAS COTIDIANAS

Moema Cristina Parode¹

“Fotografar é tornar visível o invisível”
Simonetta Persichetti

O presente ensaio fotográfico é o resultado de pesquisa realizada no Centro de Florianópolis no ano de 2017. Como parte integrante de minha dissertação de mestrado, frequentar o “centro fundador” da cidade me permitiu observar uma gama de práticas consideradas “desviantes”. Com um olhar nem tanto arquitetônico, mas de fato urbanístico, a perspectiva “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002, p.17), possibilitou descrever e refletir sobre padrões de comportamentos, e compreendê-los como múltiplos, variados e heterogêneos². Nas imagens selecionadas para esse ensaio, procurei trazer para a visibilidade cenas comumente invisíveis. São práticas que parecem “integradas” ao imaginário dos frequentadores do local diariamente.

O local que atualmente é o calçadão no centro de Florianópolis, desde os primórdios abriga as tradicionais atividades coletivas da Ilha. A ampla concentração do setor terciário, comércio varejista de artigos variados, hospedagem, serviços públicos, sistema bancário, etc. propicia uma grande circulação de pedestres durante o dia. Os vendedores ambulantes são atraídos por esse expressivo número de pessoas, caminhando ao longo dos calçadões.

¹ Arquiteta e Urbanista, Mestranda pelo Pós/ARQ – UFSC, estudante integrante do Núcleo de Pesquisa NAUI.

² Apresento esta estratégia metodológica etnográfica, me atendo aos limites de análise que a Arquitetura e Urbanismo me permite. Ao perceber e traçar análises destes atuais usos no centro fundador de Florianópolis reflito numa perspectiva sócio-espacial, o que na dissertação de mestrado (de onde esta exposição foi idealizada) me possibilita reflexões mais amplas sobre o espaço, até então estritamente morfológico.

Há os vendedores de pipoca, de churros, de artesanato, de utensílios domésticos, engraxates, bancas de jornais, etc. Há também aqueles que pretendem expor suas técnicas performáticas, seja musical, de pintura, de “pregação da palavra” em troca de contribuições financeiras. E também estão todos os dias em busca de novos clientes, os entregadores de panfletos e divulgadores de seus produtos.

Há também aquelas práticas que vão contra a ordem social, política e econômica estabelecida, como os que “habitam” junto às marquises dos prédios, os que pedem dinheiro para seu sustento, e aqueles vendedores ambulantes que permanecem na ilegalidade. Estes, de maneira essencial, desenvolvem suas próprias *táticas* para transpor o dia a dia realizando suas práticas. *Táticas*, estas, que Michel de Certeau (2008) define como uma forma de pensar as ações cotidianas, e que mostra como as pessoas encontram nas atividades diárias, maneiras de driblar as prescrições. Configuram-se nas chamadas (re)apropriações realizada pelos sujeitos, produto de “microliberdades” e “microrresistências” (DE CERTEAU, 2008).

As pequenas resistências de vendedores que trabalham na informalidade transformam-se em uma ampla rede de resistência e auxílio que se monta ao avistarem agentes da Guarda Municipal em caminhada para a fiscalização. A rede é composta pelos próprios vendedores e seus atravessadores, que criam um efeito cascata para que a informação chegue a todos os vendedores - informais - do calçadão. Estes que por sua vez, já expõe seus artigos de maneira a agilizar a saída, em cima das próprias embalagens (sacolas, malas ou mochilas) para levá-los, e conseguir se afastar do local normalmente, como se estivesse de passagem.

Aqueles que são apenas coadjuvantes durante a mobilização, os que circulam, ao perceberem o movimento, também tentam contribuir, num ímpeto de empatia com aqueles que lhes são estranhos (mas não tanto assim). Afinal, para quem frequenta o centro diariamente, esses personagens estão “naturalizados” à paisagem.



IMAGEM: 1/Calçadão Centro de Florianópolis
FONTE: da autora, 2017
NOTA: Exposição dos produtos "prontos para levar"

IMAGEM: 2/Calçadão Centro de Florianópolis
FONTE: da autora, 2017
NOTA: Interação durante a venda



Há quem seja consumidor dos produtos vendidos, estabelecendo trocas materiais e simbólicas, e há tantos outros que mesmo sem interação verbal, com as interações visuais acabam por estabelecerem relações. Interações visuais que acontecem em diversos planos, em grandes distâncias e em altura. É comum perceber que as janelas das edificações ganham vida ao observar, e analisar o que acontece lá embaixo.

As interações visuais, neste recorte da cidade, reforçam a ideia de que a invisibilidade é uma construção social. Uma falsa indiferença geral, que exclui e nega a existência de certos indivíduos. A invisibilidade também pode ser analisada através da perspectiva de anonimato, onde o sujeito “desperta” a um núcleo familiar, residencial e de trabalho, e a atual localização social encobre aspectos da identidade individual. Entre as pessoas que residem nas marquises do calçadão do centro de Florianópolis é perceptível a invisibilidade geral. A porta da Igreja São Francisco, para estas pessoas, comumente se torna o lugar que suscitaria um contato solidário, onde o “sagrado” poderia acender interações entre pessoas e os santos, e com o Outro. Além disso, torna-se um lugar onde o sagrado de certa forma, protegeria e velaria o sono, e teria o poder de evitar aproximações violentas.

Entretanto, apesar deste diferente uso do sagrado, com “expectativas reais e imediatas”, a imagem dos moradores em situação de rua está de certo modo “naturalizada”. No cotidiano da cidade, os mecanismos de percepção estão automatizados, em parte revelando a omissão que é a naturalização.

Há casos em que a invisibilidade se ancora em uma série de preconceitos, decorrentes da dominação cultural, que apresenta raízes históricas. A invisibilidade da presença indígena no espaço urbano foi originada em um processo de colonização, diante de imagens que contribuíram para estereotipar o indígena “ligado à natureza”. Ao estarem nos centros urbanos, perdura a ideia equivocada de que o indígena “deixa de ser indígena”, e estas imagens ofuscadas e distorcidas corroboram para a ocorrência de ações discriminatórias.



IMAGEM: 3/Janelas do Calçadão Centro de Florianópolis
FONTE: da autora, 2017
NOTA: Interações verticais

IMAGEM: 4/Igreja São Francisco
FONTE: da autora, 2017
NOTA: Diferentes usos do sagrado





IMAGEM: 4/Calçadão Centro de Florianópolis

FONTE: da autora, 2017

NOTA: Entre cultura e vulnerabilidade social



IMAGEM: 6/Calçadão Centro de Florianópolis

FONTE: da autora, 2017

NOTA: Artesanato exposto para a venda

IMAGEM: 7/Calçadão Centro de Florianópolis

FONTE: da autora, 2017

NOTA: Banca para expor o artesanato



Permanece a insistência em negar a presença indígena na cidade como legítima. E as práticas sociais, constantemente são vistas equivocadamente como vulnerabilidade social.

O que é fundamental, é que mesmo estando neste “novo” ambiente, vários fatores continuam mantendo a identidade coletiva, os laços de solidariedade, autodefinições coletivas, consciência ambiental, raízes locais, singularidades culturais, etc. As razões do deslocamento indígena para a cidade são variadas, seja por trabalho, para vender seu artesanato, ou acesso à saúde e educação, ou a perda de terras tradicionais e os conflitos externos ou internos nas aldeias, enfim, há as singularidades. Utilizar o meio urbano de acordo com suas *táticas* entra em inúmeros conflitos e negociações, tanto com o poder público, quanto com quem circula diariamente pelas áreas de calçada.

Quem circula, percebe quantas pessoas ocupam esse espaço para vender artigos produzidos por elas mesmas. Expõem além de artesanato, peças únicas que foram produzidas pelo contato entre o sujeito e o material, um simbolismo implícito em cada produto. O que surpreende é que além de artesanatos, comuns da cultura da popular, historicamente mais próximos das ruas, as artes plásticas, historicamente ligadas a exposições/museus/feiras, atualmente também estão nas ruas. O que se vê é a saída de pintores dos seus ateliês para expor e tentar a venda de suas obras de arte na rua, inclusive produzir. Agora, artista e consumidor da arte se encontram e interagem.

Assim como músicos “eruditos” que levam seu instrumento que contrasta na paisagem, para a rua. Enquanto os músicos que estiveram historicamente por “tradição” mais perto de seus consumidores, em shows e palcos públicos, continuam a utilizar a cidade para estabelecer contatos, aqueles que anteriormente subiam em palcos eruditos, com plateia pagante, e circulava entre as elites que frequentam os concertos, hoje também procuram proximidade com novos públicos. Um contato do erudito com o popular, intercultural.

Embora as fotografias não tenham uma ordem, e sequência, reuni-las neste ensaio, buscou dar visibilidade para estes usos cotidianos, de maneira, aqui, a considera-los legítimos.



IMAGEM: 8/Calçadão Centro de Florianópolis
FONTE: da autora, 2017

NOTA: Exposição de telas para a compra ou encomenda



IMAGEM: 9/Calçada Centro de Florianópolis

FONTE: da autora, 2017

NOTA: Músicos de rua

IMAGEM: 10/Calçada Centro Florianópolis

FONTE: da autora, 2017

NOTA: Música erudita no espaço popular



Referências

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008.

MAGNANI, José Guilherme C. **De perto e de dentro**: notas para uma etnografia urbana. In: RBCS, vol. 17, n° 49, junho, 2002.